

**INVESTIGANDO
AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS
CONSTITUTIVAS DO GÊNERO TEXTUAL
“SANTINHO POLÍTICO”**

Priscila Lopes Viana (UFMG/CAPES)
priscilaviana@live.com

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa tomamos o gênero textual “santinho político” como objeto empírico de estudo para verificar suas características constitutivas e como se dá a construção da argumentação nesses textos. Visando a uma maior compreensão desse gênero textual, debruçamo-nos, de maneira especial, sobre o modelo de análise de textos do interacionismo sociodiscursivo (daqui para diante ISD) (BRONCKART, 2007). E, para analisarmos o discurso persuasivo em função da construção do *ethos* do político, valemo-nos das contribuições de Charaudeau (2006) e Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005).

Por meio do modelo do ISD identificamos e analisamos as estratégias linguístico-discursivas escolhidas pelos agentes-produtores desses textos com o objetivo de persuadir/convencer os agentes leitores por eles visados. Nossa hipótese é a de que essas estratégias são recorrentes nesses textos e, por isso, podem caracterizar o gênero textual “santinho político”.

1. Pressupostos teóricos

1.1. A noção de gênero textual de Bronckart

Para chegar a sua noção de gênero, Bronckart (2007, p. 137) indica, inicialmente, seu conceito de texto: “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário”. O autor considera o texto como unidade comunicativa de nível superior, seja na modalidade escrita, seja na oral.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ao conceber que a linguagem desenvolve-se na e para a interação, Bronckart (2007, p. 137) sustenta que os textos, na escala sócio-histórica, são, “produtos da atividade de linguagem em funcionamento”. Ou seja, nas formações sociais, indivíduos elaboram diferentes espécies de textos – os gêneros textuais – para facilitar o sucesso da interação e alcançar seus objetivos. Também para Marcuschi (2002), os gêneros textuais são ocorrências históricas ligadas intensamente à vida cultural e social que derivam do trabalho coletivo. Nesse sentido, os gêneros cooperaram na consolidação e na distribuição das atividades comunicativas do cotidiano como instituições sociodiscursivas e formas de ação social em qualquer circunstância comunicativa. Este autor assinala-os como ocorrências textuais altamente flexíveis e ativas que aparecem acoplados às necessidades e atividades sócio-político-culturais.

Os “santinhos políticos” podem ilustrar bem as palavras de Bronckart (2007) e Marcuschi (2002), pois se trata de um gênero cuja elaboração, distribuição e consumo estão relacionados a uma atividade social delimitada: campanhas políticas eleitorais. Sua finalidade comunicativa é de persuadir os eleitores brasileiros a votarem em determinado candidato. Em certa medida, os conhecimentos prévios dos agentes-leitores desse gênero podem ser presumidos devido ao atual contexto sócio-histórico do Brasil: país constituído por uma maioria de eleitores pouco escolarizada e politizada (Cadernos NAE, 2005). Com o objetivo de fazer os eleitores atribuírem seus votos a determinado candidato, pudemos observar nas análises realizadas em nossa pesquisa que o gênero textual “santinho político” utiliza um estilo de linguagem, em sua maior parte, formal, o que pode ser uma estratégia para identificar o candidato exposto como um indivíduo com um capital cultural herdado de uma formação acadêmica.

Bronckart (2007) ressalta que textos do mesmo gênero possuem características relativamente estáveis, fato que justifica classificar um texto como um determinado gênero textual. O autor nota também que, como entidades sócio-históricas e produtos de interesses e objetivos específicos das formações sociais, os gêneros ficam disponíveis no intertexto para as gerações posteriores como modelos “indexados” (modelos que possibilitam o estabelecimento interativo entre interagentes, funcionando como um contrato para que o agir linguageiro seja bem sucedido).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Quanto à produção de um novo texto empírico no nível de um agente particular, o autor defende que se deve concebê-la diante das representações que esse agente faz sobre sua situação de ação (sobre o conteúdo temático, motivos, intenções etc.) e sobre os gêneros textuais indexados no intertexto. Sendo assim, constroem-se textos sempre baseados em modelos de gêneros; em outras palavras, todo texto pertence, para Bronckart (2007), a algum gênero.

1.2. O modelo de análise textual do ISD

Como já afirmamos, nossa análise se baseará no aparelho conceitual desenvolvido por Bronckart (2007). Este autor propõe que todo texto é organizado em três níveis (camadas) superpostos, e em parte interativos, que constituem o “folhado textual”: (1) a arquitetura interna dos textos, (2) os mecanismos de textualização e (3) os mecanismos enunciativos. Essa divisão de níveis de análise é concebida pelo autor como necessidade metodológica para se desvendar a complexidade da organização textual.

Na hierarquia de Bronckart (2007), a arquitetura interna dos textos é o nível mais profundo. Constitui-se pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso, pelas modalidades de articulação entre seus tipos de discurso e pelas sequências que casualmente aparecem no plano geral do texto.

Os mecanismos de textualização articulam-se à progressão do conteúdo temático, tal como é apreensível no nível da arquitetura. Estão no nível intermediário do “folhado textual” e, por criarem “séries isotópicas”, contribuem para a manutenção da coerência temática. Encontram-se na superfície do texto e explicitam, tendo em vista o(s) agente(s) leitor(es), as articulações lógicas, temporais e hierárquicas do texto.

Os mecanismos de responsabilização enunciativa estão no último nível da arquitetura textual, o mais “superficial”. São eles que cooperam mais para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto, pois, além de contribuir para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, traduzem as várias avaliações em relação ao conteúdo temático.

2. Metodologia

Inicialmente, centramos nossa análise no discurso persuasivo presente no gênero “santinho político”. Realizamos essa investigação, sobretudo, por meio do suporte teórico de Charaudeau (2006), que identifica e analisa as figuras identitárias dos políticos, ou seja, a construção de seus *ethé*.

Posteriormente, passamos a analisar a arquitetura textual dos “santinhos políticos”, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos presentes nos mesmos com o objetivo de compreender o modo como esses textos se organizam para cumprir a sua finalidade comunicativa de persuadir os agentes leitores (eleitores) a votarem em determinado candidato.

Dentre os 100 “santinhos” de nosso *cópus*, selecionamos 8 exemplares que, a nosso ver, podem representar todo esse *cópus*, sendo, por isso, o *cópus* real de nossa pesquisa. A seleção desses 8 “santinhos” se deu em função dos *arquitipos*⁴² discursivos (tipos de discurso) que verificamos na totalidade do *cópus*. Assim, selecionamos 2 exemplares de cada tipo de discurso criado para, dentro do método de investigação que se baseia em hipóteses interpretativas e descrições analíticas de dados obtidos da realidade social, analisarmos minuciosamente as estratégias linguístico-discursivas utilizadas em cada um buscando convencer/persuadir os eleitores a atribuir seus votos ao candidato exposto.

Especificamente, neste artigo, selecionamos um único “santinho” para que pudéssemos, sem nos estendermos muito, exemplificar elementos significativos de nossa análise. A escolha do “santinho” (1) deveu-se ao fato de ele apresentar o tipo de discurso mais recorrente dentre os 100 exemplares de nosso *cópus*: o discurso initerativo.

⁴² O termo *arquitipo* é usado nesta pesquisa - como o faz Pinto (2004) - como tradução do termo francês *architype*, uma vez que o francês estabelece uma distinção entre este termo e o termo *archetype* (arquétipo).

3. Algumas análises

Como pressupomos anteriormente, o discurso persuasivo é uma característica do gênero textual “santinho político”. Por isso, a nosso ver, não poderíamos deixar de investigar o modo pelo qual cada candidato procura construir sua *identidade (ethos)* como recurso para persuadir os leitores/eleitores a aderir às suas teses. Buscamos, sobretudo, em Charaudeau (2006) o suporte teórico para que pudéssemos realizar essa investigação, uma vez que esse autor traz um estudo minucioso sobre as estratégias do discurso político.

Para esse autor, o *ethos* é uma estratégia muito utilizada pelo discurso político. Sua concepção de *ethos* filia-se à Análise do Discurso, pois, para ele, essa noção inscreve-se na concepção discursiva de que o sujeito falante deve dar aos agentes-leitores a impressão de possuir boas características de personalidade, independentemente de elas serem verdadeiras ou não. Esse posicionamento filia-se, por sua vez, à concepção aristotélica de *ethos*, opondo-se à concepção dos retóricos da Idade Clássica (Cícero, Isócrates etc.), para os quais essa noção estaria preexistentemente no discurso. Todavia, Charaudeau (2006) retoma essa noção tentando esclarecer dois pontos dessa definição.

O primeiro refere-se à questão do sujeito linguageiro, na qual o autor afirma que esse sujeito seria tanto um ser feito de discurso como um ser social empírico. Enquanto imagem do sujeito que fala, o *ethos* não seria uma propriedade exclusiva dele, mas sim a imagem transvestida pelo interlocutor a partir do que diz. O *ethos* seria o resultado de uma dupla identidade que depende daquilo que somos e também daquilo que dizemos, porém essa dupla personalidade acaba por se fundir em uma única.

O segundo ponto refere-se à questão da imagem de si: se ela concerne somente ao indivíduo ou se pode relacionar-se a um grupo de indivíduos. Para o autor, o *ethos* pode dizer respeito tanto a um indivíduo particular quanto a grupos de indivíduos, haja vista que a questão da identidade do sujeito passa por representações sociais, ou seja, “o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão” (CHARAUDEAU, 2006: 117). Sendo assim, o coletivo é construído por visões estereotipadas que emanam de uma opinião coletiva em relação a outro grupo. “O

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ethos é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).

O “santinho” (1), transcrito abaixo, pode exemplificar a construção do discurso persuasivo no gênero textual “santinho político”.

“**Santinho**” (1)

(1) Você sabe qual a função do **senador**?

(2) O **senador** trabalha junto ao presidente e é o principal interlocutor entre a União o Estado e os municípios. Por isso, o bom relacionamento entre o senador e o Presidente da República é muito importante. Um **senador** que faz oposição ao presidente dificulta a aprovação do Orçamento e a liberação de recursos, atrasando o desenvolvimento do Estado e dos municípios.

(3) Então, quem **VOCÊ** acha o melhor **senador** para Minas?

(4) **Newton** é o meu **senador** – Presidente Lula.

Os eleitores brasileiros aos quais se destinam o “santinho” (1) são os mineiros, habitantes do estado de Minas Gerais, Brasil. Trata-se, portanto, de um público bastante heterogêneo, mas o seu texto revela que seu agente-produtor/orador concebe seus agentes-leitores como universais, de acordo com a categorização de Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005). Neste sentido, o agente-produtor do “santinho” (1) faz uma projeção dos valores dominantes nessa comunidade.

Podemos observar que o texto do “santinho” (1) se inicia com uma pergunta retórica: “Você sabe qual a função do *senador*?” Com o uso dessa estratégia, o agente-produtor busca se aproximar dos agentes-leitores (eleitores), isto é, criar uma atmosfera de intimidade para gerar um interesse no leitor/eleitor de prosseguir com a leitura do texto. A formulação de questões retóricas é, de acordo com Koch (2004), uma estratégia muito utilizada tanto no discurso didático quanto no discurso de cunho persuasivo, assim o texto do “santinho” (1) pode, ao mesmo tempo, instruir os eleitores, bem como convencê-los a votarem no candidato que é apresentado no mesmo. Pode-se perceber, nesse “santinho”, que o agente-produtor do mesmo utiliza como estratégia de persuasão uma proposição falsa para enganar propositalmente o agente-leitor, uma vez que senadores fazem parte do poder legislativo e o presidente do executivo. Sendo assim, senadores não trabalham junto a presidentes.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Vale lembrar que, de acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), quando o orador se dirige a um auditório particular, é mais adequado fazer uso do discurso persuasivo, e, quando o orador se dirige a um auditório universal, é mais adequado fazer uso do discurso convincente. O discurso persuasivo é aquele que apela para as paixões e emoções do auditório, enquanto o discurso convincente é aquele que se utiliza da razão. Percebe-se que, no sentido dado pelos autores aos vocábulos “persuasivo” e “convincente”, o agente-produtor do “santinho” analisado efetivamente faz uso do discurso convincente, ou seja, mais voltado para a razão do que para a emoção. Pode-se observar, contudo, que, com a pretensa intenção de atingir a universalidade dos eleitores, ocorre um equívoco constitucional nesse texto em relação à interlocução que se afirma ser feita pelo senador entre União, Estado e municípios, pois a ação constitucional do senador é a representação das unidades da federação (estados) no poder legislativo e não da União e dos municípios.

Assim, por meio dessa pergunta retórica, surge a resposta já citada acima: “O *senador* trabalha junto ao presidente e é o principal interlocutor entre a União o Estado e os municípios”⁴³. Percebe-se que há uma inversão na ordem da sentença que valoriza não o que seria a função do senador (“interlocutor”), mas seu trabalho ao lado do presidente. Em outras palavras, o foco está voltado para a boa relação que um senador deve ter com o presidente – tópico que é desenvolvido no restante do texto e que é confirmado pela fotografia do candidato com o braço nos ombros do presidente.

Quanto ao plano geral do “santinho” (1), ele pode ser construído da seguinte maneira:

- a) Questiona-se ao agente-leitor sobre seu conhecimento a respeito da função de um senador (parte 1);
- b) Expõem-se com quem um senador trabalha, a importância da boa relação entre o senador e o presidente, bem como o que ocorre quando essa relação não é boa (parte 2);
- c) Interpela-se o agente-leitor sobre quem será o melhor senador (parte 3);

⁴³ A vírgula que deveria haver após o termo “União”, efetivamente, não foi colocada no texto, como se pode verificar no texto original do “santinho” (1) em anexo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

d) Afirma-se a posição do agente-produtor em relação ao candidato exposto e ao presidente Lula (parte 4).

Pode-se observar que enumeramos como partes (1) e (3) os segmentos interrogativos e, como partes (2) e (4), os segmentos que, de alguma forma, respectivamente, respondem às interrogações. Observa-se, também, que há o desenvolvimento de um texto interativo com o agente-leitor que, ao mesmo tempo em que é instruído sobre as funções de um senador, pode ser persuadido de que o candidato exposto deve ser eleito a senador.

Como afirmarmos anteriormente, o “santinho” (1) apresenta em seu texto o tipo discursivo discurso interativo. Em relação a esse tipo de discurso, percebemos as seguintes características nesse texto: presença de unidades que remetem à própria interação verbal; frases imperativas, interrogativas e exclamativas; utiliza-se neles, sobretudo, um subsistema de tempos verbais composto pelo presente, pretérito perfeito e futuro do indicativo; presença de pronomes e verbos de primeira e segunda pessoas do singular e do plural, ressaltando o abundante uso do pronome pessoal de segunda pessoa “você”⁴⁴, que personifica um agente-leitor individual e indeterminado; presença de auxiliares de modo, bem como de auxiliares com valor pragmático.

Na tabela, a seguir, pode-se ter uma visão panorâmica dos mecanismos linguístico-discursivos presentes no “santinho” (1), que cria unicamente o tipo discurso interativo.

**Tabela –
Unidades características do discurso interativo presente no “santinho” (1):**

Características presentes no discurso interativo	“Santinho” (1)
Presença de unidades que remetem à própria interação verbal.	-
Presença de frases imperativas, interrogativas e exclamativas.	- Você sabe qual a função do senador?
Uso de um subsistema de tempos verbais composto pelo presente, pretérito perfeito e futuro do indicativo.	- sabe - trabalha - é - faz - dificulta - acha

⁴⁴ Referimo-nos, sobretudo, às formas verbais de terceira pessoa que se articulam ao pronome de tratamento “você”, as quais demarcam linguisticamente os protagonistas da interação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Presença de pronomes e verbos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural.	- você - meu
Presença de auxiliares de modo e de auxiliares com valor pragmático.	-
Presença de anáforas pronominais e nominais.	- <i>O senador</i> trabalha junto ao presidente e \emptyset é o principal... - Você sabe qual a função do <i>senador</i> ? O senador trabalha...

4. Considerações finais

Verificamos que os textos constitutivos do *córpus* de nossa pesquisa pertencem ao Mundo do Expor, isto é, os fatos são organizados de forma que se apresentam acessíveis ao mundo ordinário dos protagonistas da interação de linguagem. Constatamos, ainda, que a maioria desses textos, assim como exemplificamos através do “santinho”, (1) “implica” os parâmetros da ação de linguagem, explicitando a relação que suas instâncias de agentividade mantêm com esses parâmetros (agente-produtor, alocutário eventual e sua situação no espaço-tempo) através de referências dêiticas a esses mesmos parâmetros.

Enfim, as características linguísticas do tipo discurso interativo presentes no “santinho” (1), bem como em 77% dos “santinhos” de todo o *córpus* desta pesquisa, revelam-se como importantes estratégias para atingir os agentes-leitores (eleitores brasileiros) do gênero textual abordado. Nota-se que, com o uso do pronome de tratamento “você” – interpelando o leitor –, com a formulação de questões retóricas e com a frequente repetição lexical, entre outras construções anafóricas, opera-se na organização dos textos a fim de se gerar uma concordância nos agentes-leitores. Assim, o uso dessas estratégias linguístico-discursivas, de acordo com Koch (2004), podem auxiliar a organização textual, monitorar a coerência textual, favorecer a coesão e gerar sequências mais compreensíveis, garantindo o sucesso da interação.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007.

CADERNOS NAE / Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. – nº. 5 (jun. 2005). – Brasília: Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36

PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da argumentação – a nova retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins e Fontes, 2005.